

O DESENHO DO TERRITÓRIO E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM
NA ILHA DE S. MIGUEL, AÇORES,
na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas.

Volume 1

Dissertação de Doutoramento, na área de Arquitectura, especialidade de Teoria e História da
Arquitectura, no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da
Universidade de Coimbra, por
Pedro Maurício de Loureiro Costa Borges,
sob a orientação do Professor Catedrático Arquitecto Alexandre Vieira Pinto Alves Costa

Coimbra, 2007

Agradecimentos

Ao Professor Alexandre Alves Costa, pela atenção, confiança e pela acuidade das suas interrogações, que se mostraram determinantes para o rumo da investigação, e ainda por me ter apresentado ao saber e às pessoas de Professora Aurora Carapinha e do Antropólogo Benjamin Pereira, a quem fico obrigado por me terem recebido, partilhando especulações iniciais.

Ao arquitecto Philip Cabao, pela introdução aos temas do Território e da Paisagem, e pelo empréstimo prolongado de uma bibliografia correlativa.

Em S. Miguel,

à historiadora de arte Isabel Soares de Albergaria, que abriu as portas ao tema desta dissertação com o seu excelente trabalho académico, pelas conversas estimulantes, e pela cumplicidade no acesso que facultou a pessoas e informação decisivas para a investigação.

A par da Isabel, tenho a dívida maior para com o historiador Carlos Guilherme Riley, cicerone para as fontes recônditas do imenso século XIX, e estimulante catalisador da interpretação histórica.

À Dr.^a Maria de Lurdes França, pela eficiência e paciente solicitude com que me orientou no labirinto do Arquivo de José do Canto, à Dr.^a Maria João Mota Melo, que me fez sentir em casa, durante uma ainda longa temporada, nos Serviços de Documentação da Universidade dos Açores em Ponta Delgada de que é Directora, a todos os funcionários, à Dr.^a Ana Maria Albuquerque Taveira e ao atelier as* pela arquitectura luminosa.

Na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, a minha terceira casa em Ponta Delgada, agradeço a todos, da portaria às fotocópias, mas em primeiro lugar à minha amiga Dr.^a Margarida Almeida, e aos Dr.s Francisco Silveira e Pedro Pacheco de Medeiros.

Ao Museu Carlos Machado, em particular a S. D. Ana Amado e ao Dr. João Paulo Constância, pela aula particular de introdução à Geologia da Ilha.

À Sr.^a D. Ana Jácome Corrêa Hintze Ribeiro Cymbron; à Sr.^a D. Margarida Jácome Corrêa Hintze Ribeiro Oliveira Rodrigues e ao Dr. Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues; à Dr.^a Ana Hintze Ribeiro e ao Dr. Rui Machado de Medeiros; à Dr.^a Margarida Carvalhal do Canto Brum de Noronha e à Dr.^a Teresa Patrício Hintze Ribeiro, pelo seu tempo e atenção, bem como pelo acesso ao património arquitectónico, paisagístico e documental particular de José do Canto.

Aos meus amigos Francisco Zambujeiro e ao Bruno da Ponte, pela lei dos arrendamentos.

À Associação *Amigos dos Açores*, pelos didácticos passeios pedestres, alguns dos quais por troços das antigas *estradas*; ao Sérgio Diogo Caetano, pela identificação das rochas, e a Teófilo Braga, pela paciente identificação das plantas da laurissilva e outras.

À engenheira Luísa Magalhães, que chefia a Divisão de Topografia, Desenho e Cartografia da Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos da Região Autónoma dos Açores, pela cartografia possível,

e à Delegação Regional dos Açores do Instituto Geográfico Português, em Ponta Delgada, na pessoa do seu director Dr. Luís Furtado, pelo tempo que levei na consulta de sucessivas folhas do cadastro da Ilha.

Na Terceira,

ao historiador Carlos Enes, que me apresentou ao Arquivo Fotográfico do Centro de Conhecimento dos Açores, a cujo director, Dr. Rafael Barcelos, e arquivistas, fiquei grato.

No Continente,

pelo profissionalismo e simpatia com que fui recebido nos arquivos do Ministério das Obras Públicas e do Instituto das Estradas de Portugal.

Ao arquitecto João Francisco Figueira e ao filósofo Jorge Croce Rivera, interlocutores decisivos para o discurso encontrar estrutura e clareza, pela estimulante reflexão e alento, e ao primeiro também pela ajuda final.

Estou ainda reconhecido à arquitecta Rita Curica, e aos arquitectos Paulo Vaz e ao Filipe Ferreira que, no atelier, me ajudaram nesta edição.

À minha mãe e ao meu pai.

Às minhas miúdas Alice, Laura, Júlia e Emanuel.

Resumo

José do Canto (1820-1898) e a sua casa agrícola marcaram de forma determinante e inovadora a construção da paisagem na ilha de São Miguel, Açores, na segunda metade do século XIX, segundo modalidades que se investigam na presente dissertação. Na primeira parte, exploram-se as determinantes funcionais do desenho do território: o regime jurídico da propriedade fundiária; as principais culturas e a mecanização; o associativismo e a florestação; o papel estruturante das sebes vivas, muros de pedra e outras formas de vedação e de modelação de terrenos. Detecta-se em José do Canto uma forte sistemática nas operações de divisão e subdivisão do território, na sua transformação e ordenamento, reveladora de uma clara intencionalidade projectual: desde o arroteamento dos matos, com a sua medição, divisão e vedação, à geometria da plantação de laranjais. O domínio e a intencionalidade do projecto comprovam-se na arquitectura para as suas granjas-modelo.

José do Canto é um dos protagonistas do ambicioso plano de modernização à escala da ilha que, entre outros, se exprime através de profunda reconversão agrícola e da construção de infraestruturas, tais como o porto e as estradas, mas também da progressiva transformação do *território em paisagem*. A propósito da primeira propriedade fora do "jardim da cidade" em que José do Canto ensaia a plantação silvícola *for effect*, far-se-á um excuro sobre John Claudius Loudon, o enciclopedista escocês que colecionou a totalidade do conhecimento sobre a paisagem, da horticultura à arquitectura. Com efeito, Loudon foi o autor mais influente da secção sobre a paisagem da extensa biblioteca de José do Canto. Nesta segunda parte destacam-se alguns dos seus textos doutrinários.

Na terceira parte, percorre-se a paisagem construída *for utility and for effect*, em que às determinações funcionais e abstractas se juntam as razões estéticas e qualitativas do desenho. Na composição mais ambiciosa e sofisticada de José do Canto, situada nas margens da lagoa das Furnas, os modelos formais para o desenho da paisagem são claramente estrangeiros e de matriz erudita, sejam estes adoptados conscientemente do Bois de Boulogne ou do imaginário dos lagos da Suíça, imagens que já vagueavam por aquelas paragens desde o início do século.

Palavras chave: José do Canto; São Miguel, Açores; Séc. XIX; Território e paisagem; Propriedade, morgadios e arrendamentos; Quintas da laranja, muros de pedra, sebes vivas; Estradas; Florestas; Arquitectura; Arquitectura de granjas agrícolas, cottages e chalets.

Pedro Maurício Borges

The construction of the territory and the design of the landscape of São Miguel island in Azores (Portugal) in the second half of the 19th century through one of its protagonists

Abstract

José do Canto and his agricultural estate have left a lasting and innovative imprint in the landscape of São Miguel island, in Azores (Portugal), in the second half of the 19th century, through ways that will be investigated by this research. In part 1, I shall draw on the functional determinations shaping the territory: the legal frame and land ownership; prevailing crops and mechanization; forestation and societal organizations; the crucial role of hedgerows, stonewalls and other fencing structures. In the activity undertaken by José do Canto in the partition and subdivision of the territory, in its transformation and planning, it is acknowledgeable a strong and rather innovative will to design: both through the breaking up of lands for tillage, their measurement, partition and fencing, and through the imposition of grids in the planting of orange gardens. The mastery and willfulness of design emerges in a rather clear way through the architecture for his model-farms.

José do Canto is a prominent character in the enactment of a vast modernization programme covering the whole island that, among others, included the restructuring of crops and the construction of an harbour, but also the transformation of the *territory* into *landscape*. The first property in land beyond the "garden city" that José do Canto will transform into a forestry plantation *for effect* will lead us onto John Claudius Loudon, the famous Scottish encyclopaedist that aimed at gathering the totality of the knowledge on the landscape, from horticulture to architecture. Indeed, Loudon was the most important author in the section on landscape of José do Canto's large library. In part 2 I shall focus on some of his doctrinal texts.

In part 3 I shall go through the landscape designed *for utility and for effect*; the landscape that besides being shaped by functional and abstract determinations was also designed by an aesthetic and qualitative will. José do Canto's most ambitious and sophisticated undertaking, in the bank of Furnas lake, is clearly informed by foreign and erudite formal models, whether consciously deriving from the Bois de Boulogne or from the imaginary of Swiss lakes, images that wandered in the island since the beginning of century.

Keywords: José do Canto; São Miguel, Azores (Portugal); 19th century; Territory and landscape; Land ownership, majorat ownership and leasehold of lands; Orange gardens, stonewalls, hedgerows; Roads; Forests; Architecture; Farm architecture, cottages and chalets.

Siglas

AHMOP-DGOP/DGOPM	Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, [Fundos arquivísticos da] Direcção Geral das Obras Públicas (1852-1859) / Direcção Geral das Obras Públicas e Minas (1859-1910)
AHMOP-CPI	Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Colecção de Processos Individuais de Funcionários
AIEP	Arquivo do Instituto de Estradas de Portugal
AJGD-DODPD:	Arquivo da Junta Geral de Distrito, Direcção das Obras Públicas do Distrito de Ponta Delgada
ALRAA:	Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Álbum Roxanna Dabney
AP-AHR:	Arquivo Particular de Ana Hintze Ribeiro
AP-AJCHRC:	Arquivo Particular de Ana Jácome Corrêa Hintze Ribeiro Cymbron
AP-FACHN:	Arquivo Particular de Francisco Afonso do Canto Homem de Noronha
AP-L	Arquivo Particular, Lagoa
AP-MJCHROR:	Arquivo Particular de Margarida Jácome Corrêa Hintze Ribeiro Oliveira Rodrigues
AP-PL:	Arquivo Particular, Pópulo, Livramento
ASRHE:	Arquivo da Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos
BPARPD:	Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
BPARPD-JC/CORR :	Idem, Arquivo José do Canto, Correspondência
BPARPD-ADCM:	Idem, Arquivo Dias do Canto e Medeiros
BPARPD, FEC:	Idem, Fundo Ernesto do Canto
BPARP, FCMPD:	Idem, Fundo da Câmara Municipal de Ponta Delgada
BPARPD, FSPAM:	Idem, Fundo da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense
BPARPD, FOP:	Idem, Fundo das Obras Públicas
BPARH:	Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Horta, Álbum Família Dabney
BSF:	Biblioteca dos Serviços Florestais e Aquícolas, Ponta Delgada, S. Miguel
CCAF:	Centro do Conhecimento dos Açores, Fotografia, MEDIAT, Angra do Heroísmo
CRCAA:	Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores
DSFA-SM:	Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, S. Miguel
JC:	José do Canto (utilizada nas notas de rodapé)

MCM-AFCFAC: Museu Carlos Machado de Ponta Delgada, Arquivo Fotográfico do Coronel Francisco Afonso de Chaves

SPAM: Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense

TCPDL: Tribunal da Comarca de Ponta Delgada

UACSD, FBS-AJC: Universidade dos Açores, Serviços de Documentação, Fundo Brum da Silveira, Arquivo José do Canto

UACSD-ARA: Idem, Arquivo Raposo do Amaral

UACSD-FCC: Idem, Fundo Carreiro da Costa

Abreviaturas

a.a. - autor anónimo

ms - mórios

alq - alqueires

vs - varas

bs - braças

rs - reis

s/ - sem

s.t. - sem título

Convenções

Nas citações e os documentos transcritos, respeitou-se a ortografia original.

Nas notas de rodapé, as datas foram abreviadas, por exemplo: 22 [de] Janeiro [de] 1864.

Índice

Volume 1

Introdução

1. Explicar a paisagem através de um protagonista da sua transformação	3
A Ilha	3
José do Canto	7
Os arquivos	10
Estado da Arte	14
2. <i>How to study a landscape</i>	19
Do projecto do território ao imaginário da paisagem	19
De que paisagem falamos	23
Da sentinela ao miradouro	26

1. A Casa *Brum da Silveira* de José do Canto

O desenho utilitário (*for utility*)

1.1. Propriedade e cadastro na ilha de S. Miguel	35
Morgadios e capelas	35
O desenho	37
A dimensão	39
Reforma jurídica	42
Arrendamentos e aforamentos	46
Unidades e medidas	47
1.2. A Casa	49
O dote de Maria Guilhermina	51
Compras, vendas, permutas e outras transacções	53
Desenho e dimensões	62
1.3. Administração da propriedade	66
Medir, dividir, marcar	66
Arroteamentos	68
Medições	71
Limites	72
Marcos	72
Tapumes, sebes e valados	75
- Silvas	83
- Canas	83
- Árvores	86
Muros de pedra	90
- Cabouqueiros e paredeiros	100
Regulamentos	108
Movimentos de terra	109
Caminhos e servidões	117
1.4. O uso do solo	121
Desenhar para projectar	121
Da arquitectura à agricultura	126

As culturas	131
Laranja	136
- A paisagem da laranja	139
- A laranja na casa Canto	158
- O Jardim das Hespérides em S. Miguel	168
Searas	172
Pastagens, pastos e criações	183
Chá	195
Outras culturas	199
Técnicas	201
- Máquinas ou mão-de-obra	201
- Rotação de culturas	207
- Fertilização do solo	208
- Rega e Canalizações	211
Arquitectura rural	216
1.5. A transcendente questão dos arrendamentos	229
Rendeiros, meeiros e foreiros	240
A medida da divisão da paisagem	247
1.6. Matas	251
Da árvore à floresta	253
<i>Cousas ordinárias</i> e a mitologia das árvores gigantes	258
A cultura da madeira	261
As matas da casa de José do Canto	267
- O declínio do pinheiro	274
- As outras essências (castanheiros, vinháticos, acácias)	275
- Criptomérias	279
- Árvores gigantes (eucaliptos, araucárias)	287
- Outras, florestais e ornamentais	292
1.7. Estradas	297
Dos <i>riscos</i> às estradas	302
A cabotagem	305
O <i>movimento</i> : tropas e comércio	308
Quem desenha a paisagem. As estradas confinantes com José do Canto	311
O <i>risco</i> da Ribeira Quente	312
A expropriação no Porto Formoso	313
A estrada do Sul para as Furnas	316
- Uma alameda da Cidade às Furnas	330
2. Do jardim à paisagem	
O desenho artístico (<i>for effect</i>)	
2.1. Lagoa do Congro, o primeiro ensaio	339
2.2. Loudon à cabeceira	348
Os veados de Brown	348
Da Agricultura à Arquitectura, as enciclopédias de Loudon	351
2.3. A paisagem da Ilha: um jardim continuado	362

3. As Furnas de José do Canto

(for utility and for effect)

3.1.	Suíça	371
	As imagens de outras paisagens	371
	Os <i>tours</i> de José do Canto	371
	O modelo	377
	De Neuchatel a Genève, em Agosto de 1873	386
	As imagens das Furnas	392
	<i>A Cintra dos Açores with rather a Swiss-like appearance</i>	392
	O olhar literário e o olhar pictórico	401
	Das imagens <i>lidas</i> às imagens <i>vistas</i>	408
	- A Suíça em Londres e Paris	408
	- Uma arquitectura para a lagoa	414
3.2.	A lagoa, o antónimo da ilha	419
	Forno da Cal e Fajã das Labaças, reconstituição cartográfica	419
	De projecto utilitário... ..	423
	...a projecto paisagístico	431
	A forma topográfica	442
	A Avenida do Lago	443
	- A ilha (quase) cortada ao meio	448
	No epicentro da modernidade. As lições de Welwistch	451
	Paris de Haussmann	458
	A Suíça, o chalet alpino	462
	- O chalet, enquanto forma arquitectónica	465
	- <i>O Landscape cottage</i> , ou o chalet como peça de paisagem	468
	Uma casa na margem da lagoa	473
	A Grená arrendada	480
	A Capela de Nossa Senhora das Vitórias	485

Conclusão

1. Um projecto para o território	505
2. Um desenho para a paisagem	509

Bibliografia e fontes	517
-----------------------------	-----

Volume 2

Anexo 1 – Figuras	1
1. ^a Parte	3
2. ^a Parte	65
3. ^a Parte	73
Anexo 2 – Desenhos	127
Anexo 3 – Documentos	139
Documentos P, relativos a Propriedade	141
Documentos F, relativos à lagoa das Furnas	175
Fontes das Figuras e Desenhos	191

